ANO 8.º — Sexta-feira, 26 de Março de 1915 — NUMERO 363

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Própriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Apurem-se responsabilidades

Medindo em consciencia até onde poderiam ter chegado as consequencias resultantes do gráve conflito que alarmou a cidade e salpicou de sangue as ruas; ponderando na razão inversa dos acontecimentos quanto teria sucedido se a multidão, alucinada, podésse satisfazer o que lhe pedia a sua suposta razão ofendida e despresada, não podemos deixar de estremecer deante dessa horrorosa prespectiva ainda que apenas mentalmente concebida.

Então, o numero de feridos sería cem vezes maior sem ninguem poder prever o numero daqueles que pagariam de pronto, com a vida, o seu cometimento. E assim atingiriam os sucéssos do dia 17 proporções duma verdadeira hecatombe que a historia lugubremente registaría e que por largo tempo envolveria em luto e em lagrimas centenares de familias.

E porquê?

Porque ineptamente, numa destas indiferenças que ninguem compreende nem concebe, os responsaveis pela ordem publica, os que superintendem na orientação a tomar em todos os casos com que a sua atenção naturalmente implica, repoldriaram-se nas suas cadeiras olimpicas de supremos dirigentes dos pequeninos nadas desta pobre humanidade e, longe de perigos, não mediram os desastres que aos outros poderiam suceder.

Assim, para de algum modo tentarem apagar essa indelevel responsabilidade, argumentava-se ha dias que não sería preciso força onde essa força existia.

Que imbecil observação!

Imbecil porque precisamente nessa força é que se concentrava todo o perigo—todo o perigo, dizemos, porque contra ela convergia, implacavel e frermente, o odio popular, injustificado, é cérto, mas existindo e manifestando-se num agravamento instantaneo e persistente, pronto a explodir na primeira ocasião propicia.

Essa ocasião, com todo o seu cortejo de funestas e gravissimas consequencias, nitidamente se esboçou com o aviso da vinda da comissão delegada do comicio dos pescadores e moliceiros, em Pardelhas, agravada ainda com o desapontamento que os nossos pescadores sofreram, finda que foi a farça que determinados *caloiros* politicos, com pretenções a espertos, para aí tão triste e desorientadamente representaram.

Não era segredo para ninguem que a ordem publica estava em risco de ser alterada e essa afirmativa correu de boca em boca com tal antecedencia que, sem exageros, teria havido tempo para concentrar na cidade uns poucos de milhares de homens de todas as armas, vindos até do extremo das fronteiras territoriaes.

E era o que estava naturalmente indicado, ápárte o exagero.

Não se fez, porém, assim e o resultado foi o que se viu: só após se terem dado as cênas lamentaveis, como outras ha muito tempo se não produzem em Aveiro, é que surgiram os mantenedores da ordem, quando a sua presença absolutamente nada importava já para sustar ou evitar o que a condenavel imprevidencia das autoridades, numa incompreensão, que chega a ser um crime, tinha consentido, tinha deixado que se désse, que se consumasse!

Correu sangue nas ruas. Houve tres feridos, podendo haver cem, outros tantos mortos se não tivéssem sido disparados para o ar quasi todos os tiros e se deante da atitude da força de marinha, de guarda á Capitania, não tivésse a multidão o bom senso de retirar, em seu proprio interesse.

Contudo, ainda que pretendam classificar de pouco gráve o resultado do incidente, ha responsabilidades directamente ligadas ás desgraçadas consequencias do conflito, tornando-se indispensavel que elas se apurem e exijam a cada um, conforme o grau da possivel intervenção que poderiam ter em evita-lo, como tudo indicava que acontecesse.

Era ao sr. comissario de policia a quem cabia essa missão?

Era ao sr. governador civil a quem competia prevenir, ordenando directamente a adopção das medidas tendentes a entravar a anunciada perturbação da ordem?

A opinião publica precisa sabe-lo para conhecer e apontar a autoridade sobre quem péza exclusivamente a responsabilidade do sanguinolento conflito, que a presença de uma duzia de soldados de cavalaria teria sanado apenas se desenhasse.

Quando reconhecemos as nossas culpas ou nos sentimos incapazes e inhabeis para o desempenho de determinadas funções, que reputâmos superiores ás nossas forças implicitamente confessadas por os nossos actos, ha ainda um gesto, um recurso, que delas em parte nos absolve: retirarmo-nos.

Pois que se vá embora quem, em consciencia, se reconhecer culpado, antes que outra culpa maior lhe imponha fatalmente esse dever.

Assim não póde ser, visto que se pretende apurar e pedir contas a quem as tem na já tão tristemente celebrada tragedia de 17 do corrente.

Esclareça-se tudo. Apure-se tudo que a gravidade do caso esse dever impõe.

Os habitantes desta terra não pódem estar á mercê das alucinações duns e da manifesta inépcia doutros.

Dôa a quem doer, apurem-se, portanto, as responsabilidades.

AUTORIDADES ADMINISTRATIVAS

Estão já nomeados para muitos concelhos do distrito de Aveiro os representantes da ditadura do general Castro, que o sr. governador civil Barata do Amaral tem escolhido de harmonia com as indicações do govêrno ou seja dos algozes dos republicanos, como no-lo indicam os constantes agravos e vexames porque estes estão passando em todo o país.

Mas com respeito ao distrito de Aveiro temos até este momento: governador civil substituto, o padre Antonio Fernandes Duarte e Silva—o padre Fernandes—que o *Pulha de Aveiro* imortalisou para mais tarde se darem as mãos e, juntos, fundarem o *Centro Nacional Democratico*, vulgarmente conhecido por *centro do corno e da ferradura*, á sombra do qual alguns despeitados se acolheram sem que nada conseguissem do que idealisaram após a proclamação da Republica.

Ainda muita gente deve estar lembrada da figura triste que o padre Fernandes fez por essa ocasião e dos comentarios que a sua atitude provocou nada lisongeiros para si nem para a classe que representa. Pois é hoje governador civil! A primeira outoridade, o representante suprêmo do ditador Castro no distrito! Era logico. Está na razão directa do seu republicanismo e não seremos nós, padre Fernandes, que teremos inveja de o vermos assim subir ás culminancias duma politica desalmadamente sectaria onde a sua incomensuravel vaidade o leva.

Quanto a administradores de concelho e regedores de paroquia, nem é bom falar. Alguns são escolhidos a dedo e quasi todos com tanto amor ás instituições que nem sabemos, de admirados, como classificar a *expontaneidade* de taes adesões...

Assim, em Aveiro temos o sr. João Carlos Tavares de Souza, parece que bacharel em teologia e que, como comissario de policia, mostrou, por ocasião dos acontecimentos do dia 17, até onde chega a sua incapacidade para o desempenho de semelhante cargo.

Para Ilhavo foi nomeado administrador o sr. Diniz Gomes, farmaceutico, que já desempenhou identicas funções a quando da ditadura Franco, no tempo da outra senhora... Por isso agora foi lembrado, subindo de novo ao galarim.

Em Vagos está o sr. João Moniz de Sá Borges; em Albergaria-a-Velha, o sr. João Rodrigues da Cruz; em Castelo de Paiva, o sr. Alfredo José Ferreira; em Sever do Vouga, o sr. Joaquim Martins Pereira; em Anadia, o sr. Augusto Brêda de Melo; na Feira, o sr. dr. Joaquim Alves Ferreira da Silva; em Estarreja, continua o sr. dr. Artur Marques Figueira, nomeado pelo antecessor do sr. Barata do Amaral; em Agueda, o major de infanteria 24 Adriano Mendes Strecht e em Oyar, o tenente do quadro auxiliar de artilharia Antonio Bernardino Ferreira.

Por enquanto não sabemos de mais. Mas faltando ainda seis logares para preencher é natural que os pretendentes já se tenham feito lembrar, restando apenas que o padre Fernandes se decida a escolher dentre eles os que melhor conveem á situação.

Uns dias mais e ficará o quadro completo...

A questão da pesca

Pouco temos hoje a acrescentar, visto que os animos estão serenados, com respeito aos acontecimentos de 17 do corrente produzidos nesta cidade e que tão lamentaveis consequencias trouxéram aos tres desgraçados que jázem no hospital, feridos, se bem que sem aquela gravidade que se supoz ao principio, no momento de lhe serem prestados os primeiros socorros.

Pela autoridade competente está sendo levantado o auto das ocorrencias, serviço em que se emprega o sr. coronel Peres, tendo o sr. governador civil, em Lisboa, informado o govêrno de tudo quanto se passou e interferido ao mesmo tempo para que aos pescadores sejam feitas algumas concessões no sentido de lhes atenuar a crise porque atualmente estão passando.

Da Capitanía do porto, informam-nos, em nota oficiosa, que sua ex.ª o Ministro da Marinha deu já as ordens convenientes para que a canhoneira *Limpopo* fiscalise e proteja com assiduidade a costa de Aveiro, durante a época da maior intensidade das *chávegas*, contra a invasão dos vapores espanhoes, assim como nos dá conhecimento de que o regulamento da ria de Aveiro não proíbe nem estabelece tempo algum de defêso á industria da pesca. Proíbe-lhe, sim, e muito simplesmente, desde 1 de março a 24 de junho—época em que a ria se enche de creações de enguia, tainha, robalo, choupa, dourada, roubinegra, solhas, linguados e sardinha—o emprego das rêdes de saco, que são reconhecidamente nocivas a estas creações.

De resto temos noticia de que, ouvidas as instancias superiores, aos pescadores vai ser permitido um mez mais de tolerancia para a pesca com o emprego do *botirão, mugeira, chinchorro, chincha, garatêa, atenção* e *fisga*, dispondo-se ainda o govêrno a abrir trabalhos, quer aqui quer na Murtoza, que lhes permita angariar os meios suficientes para a sua subsistencia até junho.

Além disso, do cofre da beneficencia do governo civil estão sendo subsidiadas já algumas familias mais pobres; por sua vez, a Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito, tem tambem distribuido a essas mesmas familias, em numero de 20, rações eguaes ás que constituem as refeições diarias das asiladas e tudo isso, junto ainda á benemerencia particular que em grande escala se tem exercido, parece-nos que é motivo mais que bastante para levar ao espirito da classe piscatoria o convencimento de que ninguem a pretende prejudicar, mas tão sómente, com a observancia do regulamento, garantir-lhe e ao publico, que ela serve, vendendo-lhe as várias especies apanhadas na ria, um melhor futuro do que o que lhe está reservado se porventura não forem respeitados os estudos que teem sido feitos relativamente ao seu povoamento.

Somos leigos na materia. No entretanto sabemos bem compreender os esforços do sr. capitão do porto, Jaime Afreixo, que não tem nem póde ter intuitos reservados na aplicação do regulamento, pois que, sendo um homem que de longa data se vem dedicando ao estudo da pesca da ria de Aveiro com a proficiencia que os tecnicos mais abalisados lhe reconhecem, outro fim não deseja além daquele que lhe garanta a conservação da sua antiga riquêsa, util para todos e para todos proveitosa.

Ponderem isto os nossos pescadores e verão desde logo quanta razão nos assiste aconselhando-lhes calma, prudencia, sempre que reclamações tenham de fazer ou dos seus interesses se tenham de ocupar.

Possue a classe piscatoria uma associação e dentre ela ha elementos que são abonadores seguros da confiança que, por cérto, merece, indistintamente, a todos quantos, sem excépção, vivem da ria. Pois bem: desempenhe esse gremio o papel, as funções que as circunstancias determinarem; façam os pescadores dessa sua casa um verdadeiro baluarte donde partam todas as revindicações a que se julguem com direito e depois digam-nos se temos ou não razão em lhes indicar o caminho da ordem, unico compativel com os seus interesses por ser tambem o unico que os póde conduzir a uma relativa felicidade.

Não haverá, quanto a isto, duas opiniões contrarias. E por sabermos que da mesma maneira pensa a maioria dos habitantes de Aveiro é que nos abalançâmos a estas considerações cujo sentido oxalá não seja deturpado a vêr se de alguma fórma se chega a um entendimento que a todos aproveite—governantes e governados.

São esses os nossos desejos.

Desmascarado

Weiss de Oliveira, aquele famoso cirurgião dos hospitaes, que depois de Albano Coutinho veio chefiar o distrito de Aveiro, e a quem os do *centro do corno e da ferradura*, de que fazia parte o padre Fernandes, receberam estrondosamente, á chegada, com musica e foguetes, acaba de dar, segundo no-lo diz um dos mais autorisados orgãos realistas da capital, a sua *leal* e *franca* adesão á causa monarquica, enviando-lhe uma carta, cuja copia agora encontrou entre os papeis, no meio de *grande alegria*, pois, por motivos extranhos á sua vontade, não foi ela publicada o ano passado, logo após te-la escrito.

E Weiss de Oliveira exulta por ter chegado o momento de dar expansão ás suas novas convicções—o cirurgião foi sempre muito convicto!...—e os monarquicos impam de contentamento por Weiss de Oliveira lhes caír nos braços, fingindo desconhecer a estrutura politica do ex-governador civil de Aveiro!

Parabens, parabens a todos!

E o sr. dr. Magalhães Lima, como grão mestre da Maçonaria Portuguêsa, e o sr. Antonio Maria da Silva, como chefe da Carbonaria e o sr. Machado Santos, como *fundador da Republica*, que limpem as mãos... a este guardanapo que é para a outra vez nos não impingirem autenticos *béras* com o rotulo falsificado...

CARTA DUM EXPEDICIONARIO

Mossamedes, 1 de março

Meu caro Arnaldo

Dois sentimentos profundamente emocionantes me avassalam, subjugando-me em demasia: a amarissima saudade da minha querida Patria e a intima e viva gratidão pelas provas, para mim inapagaveis, de afecto recebidas no Porto, em Lisboa e aí, nessa bôa terra, tão carinhosa e linda, onde me creei e onde, sofrendo pezares lancinantes, que ainda me torturam, colhi, por vezes, horas intensamente felizes e que neste momento recordo com viva saudade.

No Porto, milhares de pessoas, num entusiasmo louco, aclamam infanteria 18 á sua partida, num tumultuar de vozes, de gritos, de saudações. Em Lisboa, apagada prontamente a decepção pela ausencia absoluta de qualquer pessoa na *gare*, ao nosso desembarque, fomos a seguir sobejamente compensados e em especial á partida, á qual assistiu a capital inteira. Tudo foi imponente, colossal, explendido, mas para o meu coração faltou-lhe a ternura emocionante que ele sentiu aí, em Aveiro; a tocante doçura que me invadiu abraçando entes queridos, como me sucedera á largada do Porto, vendo pessoas amigas e minhas apenas conhecidas que, se a todos nós, que passavamos, traziam as lagrimas da sua despedida e a bondade dos seus corações, fazendo votos pela felicidade e ventura de quantos iam, perdoe Arnaldo este meu avarento egoismo, eu acolhi como só para mim todo esse efluvio de amorosa e santa piedade, que li na face e nas lagrimas da multidão que nos foi dizer adeus.

A' partida alguma cousa do meu coração aí ficou, nos beijos, nos abraços e na despedida a todos os aveirenses e amigos que viéram prestar á nossa passagem a subida homenagem da sua presença e a inequivoca prova do seu afecto.

Mas... descambando para o sentimentalismo, afastava-me do verdadeiro fim que tenho em vista: informar os leitores do *Democrata*, sem estilo, mas com muita verdade, de quanto conhecer e souber do que se fôr passando, relativo á missão confiada ás forças aqui concentradas.

Oito dias após a nossa partida de Lisboa, entrámos em Freetown, para o *Vasco da Gama* meter carvão e onde nos demorámos relativamente bastante. A cidade é vasta, com belos edificios, grandes estabelecimentos comerciaes e muita população, predominando o indigena. Sentia-se um calor asfixiante.

Ali falei a lingua de Shakespeare com tanto receio, é cérto, como quando a estudava e era chamado pelo meu bom e amigo professor José Soares. Contudo entendemo-nos ás mil maravilhas, incluindo uma *miss* dengosa e negra, como um carvão, que muito engraçou comigo afirmando-me, entusiasmada, que eu era *a pretty fellow*: um bonito rapaz! O eterno feminismo... em qualquer côr...

A 2 de fevereiro passavamos o Equador, e—cousa rara!—uma brisa amena consola-nos com a sua fresca corrente.

Monotona a viagem, entretinhamos o tempo organisando espectaculos vários e até... executando, *com geral agrado*, operas inteiras, tendo-se alcançado um grande exito no Rigoleto, que foi cantado a... capricho!...

A 31 de janeiro festejámos ruidosamente essa data, abrindo-se

algumas garrafas de *champagne* embora as pagassemos bem caras, havendo brindes de saudação á Patria e ao regimen.

A 6 de fevereiro, de manhã, desembarcavamos em Loanda, onde foi conhecida a transformação ministerial e fui encontrar muitos rapazes conhecidos, como o Antonio Videira, que aí apresentava diarias inovações na farta cabeleira assim como novos programas ultra-anarquicos. Está hoje bacharel, com banca de advogado, chefe de familia, etc. Acompanhou-me á morada paterna, onde, recebido de braços abertos pelo patriarca da casa, com ele e familia almocei, sendo carinhosa e familiarmente tratado. Abracei o Morgado, o Ataide, o Jorge Marques, sempre o lirico e terrivel Tenorio de tempos idos, tendo a agradavel e inesperada surpresa de conservar nos meus braços, trémulos de comoção, o José de Melo, o imortal *Zé Paquete*, que deu aí entre nós as mais belas e esperançosas provas tauromaquicas nomeadamente naquele trabalho, todo dele, passando de mulêta, com a trincheira intercalada entre a sua pessoa e o corpinho do bicho... A excede-lo só eu, quando me *estreei* na mesma *arte*... como campino, arremessando a vara e... safando-me, á cautela, mal no *redondel* o bicho me fitou...

Outra surpresa, mas esta profundamente triste, nos colheu no dia seguinte, á partida de Loanda: o falecimento do tenente da minha companhia, Alberto Gomes. A consternação foi geral. O *Zaire* aproou a Novo Redondo exclusivamente para o funeral do desditoso oficial.

Quando foi transportado o cadaver para o escaler que devia conduzi-lo a terra, ao som triste e pezado da marcha em continencia, foi horrorosamente impressionante esse momento. Poucos olhos ficaram sem serem humedecidos pelas lagrimas. Profundamente comovedor.

Embora chegassemos a Mossamedes na tarde do dia 8, só desembarcámos a 9.

A primeira impressão é a de que estâmos em Espinho, tal é a aproximação, havendo aqui um caminho de ferro de via reduzida, que lembra a linha do Vale do Vouga, as ruas muito retas e paralelas entre si, a grande praia e, á retaguarda, o imenso, o infinito areal.

Com a chegada de infanteria 19 e 20, artilharia etc., Mossamedes é um grande quartel onde por toda a parte predomina o elemento militar.

Nos quintaes das casas, praças, por todos os sitios, emfim, estão dispostos os bivaques, havendo constantes exercicios nos corpos de infanteria e cavalaria, que sempre os finalisa com cargas brilhantes e admiraveis de vertiginosa corrida!

Na noite de 16 para 17, mão infamemente criminosa, produziu, por explosão duma bomba, o desmoronamento duma parede, junto a um bivaque onde estavam soldados de artilharia, ficando logo tres mortos e vindo a falecer o quarto dias depois.

Houve um principio de motim como protésto contra o vil e repugnante atentado, salientando-se nessa atitude os soldados de infanteria 16 e 17. Valeu a intervenção da oficialidade que prometeu que, se os criminosos fossem descobertos, as praças assistiriam ao castigo que os infames mereciam. Limito-me a referir o caso, por ora, sem comentarios.

O nosso conterraneo dr. Soares, ficou no Chibia, assim como seguiu para Malange o tenente José Canelhas.

Partiram para o Lobito forças de infanteria 16, nas quaes foram encorporados dois aveirenses —Joaquim Camilo e o cabo Pinto, que aí foi carteiro.

Fui abraçar a bordo o primeiro e ambos intensamente nos comovemos no momento da partida.

A missão nossa principal, segundo o que depreendo, é que teremos de combater o cuamata e o cuanhama, que estão revoltados, á sombra da envestida dos alemães. Estes não tornaram a dar sinal de si após a invasão da nossa fronteira e do combate que travaram com as nossas forças, que perderam uma bela ocasião dum triunfo colossal.

Como português e como soldado não sairá da minha penna uma palavra sequer, seja qual fôr a sua significação a proposito do que... o tempo, no seu decurso constante, se encarregará de apagar e de apagar para sempre.

Outras forças seguem para Lubango, para atacar por duas partes o gentio revoltado. Ali os dragões tem feito razias, massacrando os revoltosos que se não submetem.

A peior noticia que rebemos e que reproduzo, é o proximo regresso do Lubango, para o hospital daqui, de 128 marinheiros e oficiaes, atacados de febre tifoide. A autoridade já afixou convites para a geral vacinação contra esta terrivel doença. De resto, a não ser esta desagradabilissima nota, proporcionalmente são poucos os atacados das febres e esses mesmo por vários abusos e descuidos.

Creio que só retirarão todas as forças para os seus novos destinos após a chegada do general —lá para meados de abril ou fins desse mez.

E por agora... basta, pois ha dias que outra cousa não faço senão escrever. Tenho, além de tudo, de conservar em dia as—*notas dum soldado*—apontamentos diarios que faço de tudo que ouço, vejo e sinto.

Um abraço do coração para si e para os leitores e amigos do *Democrata*, que tenho recebido com intenso prazer.

Seu

A. B.

PELO EXERCITO

Foram ultimamente promovidos a coronel e colocado na repartição de reserva de infanteria 24, o sr. José Domingues Peres e a major o capitão deste regimento, Pinto Queimada, que deve ir servir no 22, aquartelado em Elvas.

Para Aveiro veem definitivamente os capitães Antonio Machado e Azevêdo Cruz, sendo tambem colocado no mesmo corpo, como ajudante do 1.º batalhão, o tenente Gaspar Ferreira.

A proxima ordem do exercito trará a promoção, a capitão, do tenente farmaceutico do Ultramar, Francisco Marques da Naia, nosso presado amigo e conterraneo, que no proximo verão é esperado nesta cidade de visita aos seus.

Congresso republicano

Por ter sido adiado para os dias 28 e 29 o congresso extraordinario do Partido Republicano Português, guardamos para depois de serem conhecidas todas as resoluções que nele se tomrem, o que ainda por bem entendemos dever dizer sobre o estado politico do país onde simplesmente por odio e vindita pessoal se estão praticando as maiores perseguições contra republicanos autenticos só porque estes não abundam nas ideias do ditador Castro, que á fina força pretende pacificar a familia portuguêsa, começando por os agravar de uma maneira mais do que vil porque é infame.

Mas vamos a vêr o que resolve o Congresso partidario, quem aparece a tomar parte nos trabalhos, quem são os republicanos que se resolvem a ir gastar uns cobres a Lisboa e então falaremos.

Temos muito que dizer e comparar. E parece-nos que é agora ocasião de desentupir.

Se nos não enganâmos...

O nosso aniversario

Ainda teem continuado a referir-se á entrada do *Democrata* no seu oitavo ano muitos dos nossos colégas da imprensa assim como mais cartões havemos recebido de amigos de perto e de longe, felicitando-nos por esse facto. A todos agradecemos vivamente reconhecidos, pedindo licença aos primeiros para arquivar as suas cativantes palavras que, se não nos envaidecem, encerram, contudo, a sinceridade bastante para as tomarmos á conta daquéla camaradagem leal que, com a bôa imprensa, desejâmos manter.

Assim, transcrevemos do *Radical*, de Oliveira de Azemeis:

"O Democrata"

Passou mais um aniversário dêste nosso presadissimo colega, vigoroso semanário republicano radical de Aveiro, dirigido pelo nosso velho amigo Arnaldo Ribeiro.

Combatente audaz e destemido, sempre na brecha na defêsa dos bons principios e no ataque aos inimigos da Republica, daqui lhe enviâmos as nossas calorosas saudações, desejando-lhe a continuação das suas prosperidades.

Da *Alvorada*, de Guimarães:

"O Democrata"

Este desempoeirado e brilhante coléga, que se publica em Aveiro, entrou no 8.º ano.

Parabens.

Da *Gazeta de Arouca*:

"O Democrata"

Este nosso distinto coléga, semanário republicano radical de Aveiro que na imprensa provinciana ocupa um lugar de destaque pela sua desassombrada orientação, entrou ha dias no oitavo ano de vida.

Apresentando-lhe, por isso, os nossos efusivos cumprimentos, sincéramente lhe desejâmos muitas prosperidades.

Do *Democrata Feirense*, da Vila da Feira:

Aniversario jornalistico

Muito cordealmente felicitamos o *Democrata*, nosso presado coléga de Aveiro pelo seu aniversário.

Da *Vida Nova*, de Viana do Castélo:

Pela imprensa

Tambem fez anos o brilhante semanário republicano *O Democrata*, de Aveiro, que é superiormente dirigido por Arnaldo Ribeiro, o velho republicano que tanto se tem evidenciado na defêsa da Republica e na critica acerada a factos escandalosos que se teem permitido de outubro de 1910 para cá.

Ao intemerato jornalista as nossas cordeaes felicitações, com os desejos muito sincéros de que a sua gazeta progrida e continue a escalpelar os inimigos da Republica e todos aquêles que só desejam corrompe-la.

De *O Povo*, da mesma cidade:

Aniversarios

Passaram os dos nossos colégas *Noticias de Caminha* e *Democrata*, de Aveiro.

Estes jornaes têm sabido honrar a sua missão tantas vezes cheia de duros sacrificios e pesadas responsabilidades, principalmente quando se segue por um caminho direito sob um criterio de justiça imparcial.

O Povo avalia bem todo esse esforço gasto em prol duma causa, por isso muito sinceramente saúda os seus camaradas a quem deseja as maiores prosperidades.

Bombeiros Voluntarios

Vão principiar dentro em pouco e com a maior actividade as obras do novo quartel destinado á antiga e prestante companhia dos Bombeiros Voluntarios desta cidade pelo que o encarregado da construção já começou a remover os respectivos materiaes para o sitio que lhe foi destinado, na rua da Revolução, proximo ao comissariado de policia.

Para o dia 3 de abril promove a referida associação um espectaculo cinematografico em beneficio do seu cofre, sendo de prever que dentre os aveirenses nenhum deixe de auxiliar na medida do possivel essa corporação que tão desveladamente e de longa data vem prestando com todo o desinteresse os mais assinalados serviços a esta terra e freguezias limitrofes.

Pelo menos, ela assim o espera e nós tambem o julgamos dos sentimentos que sempre animáram aqueles que sabem avaliar a sua alta missão.

O Pápa e as eleições

Em data de 20 do corrente, telegrafam de Roma aos jornaes que o pontifice enviou uma circular aos nossos prelados proibindo-lhes terminantemente qualquer interferencia nas eleições politicas da Republica Portuguêsa.

Resta agora saber como o clero acata as ordens dos seus superiores, tanto mais quanto é certo terem os padres já introduzido um novo mandamento na *Lei de Deus*, que consiste na obrigação de tratarem do recenseamento ao menos uma vez por ano...

DESORIENTAÇÃO

Está sendo assaz comentada uma conferencia que o correligionario do sr. Antonio José de Almeida, Alfredo Pimenta, fez na séde da Liga Naval, em Lisboa, conferencia acentuadamente germanofila e em que o auditorio era composto de ouvintes na sua maioria monarquicos, assistindo apenas do partido evolucionista o coronel Manuel Maria Coelho, ex-tenente Coelho da revolta do Porto.

No fim, dizem os relatos da imprensa, o sr. Alfredo Pimenta recebeu fartos aplausos da assembleia, tendo sido interrompido algumas vezes com palmas.

E' até onde póde chegar a desorientação dos politicos portuguêses! Tendo-se desacreditado como republicanos, deixam as assembleias populares para se fazerem ouvir pela aristocracia monarquica, taes coisas dizem de tanto agrado e entusiasmo para o seu crédo.

Não vir um raio que os partisse.

RELATORIOS

Acham-se sobre a nossa mêsa de trabalho os do *Centro Republicano Português no Pará*, por onde vemos quantos sacrificios tem custado a sua sustentação a velhos amigos e correligionarios que fazem parte da colonia lusitana e da *Sociedade das Aguas da Curia*, um e outro com o parecer dos respectivos conselhos fiscaes a constatarem o seu progresso, que muito estimâmos.

Feira de Março

Veio ontem a Aveiro bastante gente efectuando-se por isso importantes transações no mercado anual do Largo do Rocio.

As barracas das pantomimas, bichos e coisas várias tambem foram muito frequentadas, especialmente a do *Zé das Mentiras*, que aqui se tornou muito popular.

INTERESSES LOCAÊS

Obra necessaria

O prolongamento da linha do Vale do Vouga até ao Côjo

Com o sugestivo titulo—*Obra necessaria*—a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, importante jornal onde escrevem as mais autorisadas pennas conhecedoras dos assuntos de que, em especial, trata, insére, no seu numero de 16 do corrente, o seguinte artigo firmado por um dos redactores efectivos, e que diz:

Um dos grandes males de que enferma entre nós a administração—abstraindo dos factores de ordem politica, que estão, pela sua natureza, excluidos do campo estrictamente técnico e profissional, em que a acção doutrinal da *Gazeta* se exerce—é a estreiteza de horizontes e a carencia de planos largamente concebidos e perseverantemente executados.

Exactamente onde um criterio superior de orientação metodica mais necessario se torna, é que mais êle brilha pela ausencia.

O nosso progresso economico pelo desenvolvimento da rede ferroviaria assemelha-se um tanto ao classico jogo da *Gloria*, que fez as delicias da meninice de nós todos. Entregues ao azar da sorte, que tem os dados por oraculos, ora avançamos de vôo em vôo, ora recuamos por influencia do carangueijo, quando não caímos nalgum dos vários precipicios que entorpecem a marcha.

Para onde vâmos? Não se sabe.

Que linhas queremos construir? Não se sabe. A que principios subordinamos o regimen ferroviario: acção omnimoda e absorvente do Estado, delegação em empresas representantes da iniciativa privada, eclectismo prudente das duas doutrinas opostas? Não se sabe.

Hoje arvoramos á tôa o pendão do resgate, para ámanhã proclamarmos a interdição do Estado como administrador. Queixamo-nos da cobardia da iniciativa privada, e se éla surge, só pensamos em desalentá-la.

Demos a estas afirmações demasiado genericas, o solido apoio de um exemplo concreto.

Mercê de causas complexas, que é inutil recordar, ficou por servir, entre as largas malhas da nossa incipiente rede ferroviaria, uma zona extensa, populosa e rica: o vale do Vouga, a pitoresca região de Lafões, cuja expansão economica demandava comunicações faceis com Aveiro e ainda com o Porto.

A linha do Vale do Vouga, que ligasse Vizeu com Aveiro e ao mesmo tempo bracejasse em direcção a Gaia, servindo a zona ondulada em que demoram Albergaria, Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira e Feira, e que a linha do Norte abandonou para se aproximar demasiadamente do mar, foi desde largos anos justificada aspiração regional. Tomou-a sob o seu autorisado patrocinio um técnico ilustre entre os ilustres, Xavier Cordeiro, que a fadou para futuras grandezas e procurou torna-la fecunda realidade.

Após diligencias várias, veiu o alvará de 11 de julho de 1889 fazer a concessão da linha, cujo projéto foi apresentado em 1895, faltando o mais dificil: angariar capital, cuja primeira manifestação de vida tinha de ser um deposito de 50 contos, do qual dependia a publicação do alvará.

A lei de 14 de julho de 1899, em que foi enxertada a base 5.ª—redigida com boas intenções, mas sem previo estudo, sobre o joelho—veiu aplanar o caminho pela redução do deposito a 8 contos e pela outorga de algumas vantagens, como a isenção dos direitos de importação e de contribuições e a cedencia dos impostos de transito e sêlo por 30 anos, dando logar á publicação do alvará de 23 de maio de 1901 e á aprovação do projecto pela portaria de 30 de outubro de 1903.

Embora a linha tivésse por origem, designada nos dois alvarás, as proximidades da estação da Torre d'Eita na linha de Santa Comba Dão a Vizeu e por termo as estações de Espinho e Aveiro na do Norte — designações propostas pelo concessionario—entendia este que não proibiam ligeiras modificações de directriz, que os estudos aconselhassem, tanto assim que no projecto apresentado a linha partia de Vizeu, renunciando ao aproveitamento do troço comum, Vizeu-Torre d'Eita, e o ramal de Aveiro ia além da estação da linha do Norte para entestar com o centro da cidade junto do canal do Côjo.

Nenhuma objecção suscitaram nas regiões oficiaes éssas modificações, tanto assim que o projecto foi aprovado, sem reserva a esse respeito, pela portaria já citada.

Ficou pois aquêle sancionado pelo Govêrno e constituido o direito incontestavel e incontestado do concessionario a executá-lo, derivando logicamente dêsse procedimento a renuncia implicita a qualquer hermeneutica estreitamente literal da designação dos pontos obrigados do traçado.

A dificuldade de angariar capitaes protraíu a construção da linha, até que por contracto provisorio de 25 de abril de 1905 se lhe concedeu garantia de juro em determinadas condições, que foram afinal sanccionadas pela carta de lei de 20 de dezembro de 1906, cujo artigo 2.º se limitou judiciosamente a definir a linha pelos termos genericos: *Vizeu a Espinho e seu ramal para Aveiro*, confirmando a largueza com que na elaboração do projecto se interpretou a definição da directriz do alvará.

Com fundamento naquêle diploma celebrou-se o contracto definitivo da concessão com a *Compagnie Française pour la construction et l'exploration de chemins de fer à l'Etranger*, que vinha trazer ao nosso país os capitaes necessarios para a construção da linha, até então por angariar.

O cambio par, que então estava quasi atingido com sensivel estabilidade, parecia favorecer o cometimento, cujos encargos tinham de ser solvidos em oiro no estrangeiro.

A condição 1.ª do contracto divergia do alvará, em dar Vizeu por origem em vez da Torre d'Eita, e em indicar S. Pedro do Sul como ponto obrigado em vez do traçado directo a Vouzela, e ainda em dar á bifurcação do ramal a alternativa de Sever do Vouga ou Carvoeiro, quando o alvará fixava a primeira localidade. A construção devia ser feita segundo o projecto aprovado, sujeito porém ás variantes que a Companhia propozésse e o Govêrno aprovasse, tendo, em harmonia com éssa faculdade, sofrido profundas modificações de directriz, como foram a preferencia dada á margem esquerda do Vouga em frente de Sever e a bifurcação em Sarnada, com reversão para o lado de Espinho.

Achando-se pois aprovado o projecto com o prolongamento do ramal até Aveiro-cidade, parecia manifesto o direito da Companhia a executar esse ultimo troço entre a estação de Aveiro e o centro da cidade, sem que fosse necessaria no contracto designação explicita, além da subordinação ao projecto aprovado, que o abrangia.

Chegou a Companhia a apresentar em 23 de julho de 1907 o projecto definitivo do troço com 1.190^m,46 de extensão e a negociar um acordo com a Junta das Obras da Barra para a utilisação de um terreno ribeirinho do canal do Côjo e apropriado para a estação.

Imagine-se pois a sua surpresa, ao perguntar em 26 de junho de 1909, se o projecto fôra aprovado, por se lhe responder que o prolongamento do ramal não fazia parte da concessão, visto não figurar na lei de 1906. Mas esta apenas designava: *a linha do Vale do Vouga, Vizeu a Espinho e seu ramal para Aveiro*. Mas o contracto provisorio e o alvará de 1901, de que derivava, definiam a linha: *das proximidades da Torre de Eita por Vouzela*, Oliveira de Frádes, Couto de Esteves, *Sever do Vouga*, Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira e Feira até á estação de Espinho, bifurcando-se nas proximidades de *Sever do Vouga* até á estação de Aveiro na linha do Norte. Mas o contracto de 1907 modificara profundamente éssa definição, no começo do troço: *das proximidades da estação de Vizeu por imediações de S. Pedro do Sul* e no centro *bifurcando nas proximidades de Sever do Vouga ou Carvoeiro.*

Mas esse contracto dava por base á construção o projecto aprovado e neste figurava o ultimo troço do ramal, e dava o direito á apresentação de variantes tão profundas, que foram até ao abandono, afinal aprovado, de pontos obrigados, como Sever do Vouga e á mudança do local e condições da bifurcação.

A designação esquematica da directriz, que figurava no contracto, desenvolvendo a laconica definição da lei, não se opunha pois a precisões ulteriores, tendo por base fundamental o projecto aprovado, e que se mantinham dentro da definição do lei: *Vizeu a Espinho, ramal para Aveiro.*

Protestou a Companhia contra o escrupulo legalista, que inopinadamente surgia em detrimento dos seus interesses e mais ainda dos da cidade, da região tributaria da linha e do Estado, quando seis anos antes fôra aprovado, sem restricções nêsse ponto, o projecto que incluia o prolongamento do ramal. Porque se não havia de manter integro o ramal para Aveiro, que só desempenharia cabalmente a sua função economica pelo contacto com a via fluvial e pela penetração na cidade?

Não eram menos profundas as modificações da directriz do contracto provisorio de 1905 (que era o do alvará de 1901) e todavia foram sancionadas: umas antes, outras depois deste episodio do ramal, em que surgiu a lei de olhos vendados, como a figura simbolica da justiça, a descarregar um golpe de cego sobre uma fecunda iniciativa.

Obedecia o Govêrno ao proposito de beneficiar a economia regional ou de defender direitos e interesses legitimos afectados? De modo algum.

Pois não devia o caminho de ferro entestar com uma das ramificações navegaveis da ria, para que ao sal, ao peixe, ao mexoalho e a outras mercadorias fossem poupados os pesados encargos da baldeação e do transporte em carros por estrada em curto trajecto até á estação, e os passageiros chegassem o mais perto possivel do centro da cidade, sem terem que atravessar de nivel a estação da linha do Norte, destinada apenas á sua função natural das relações de trafego comum?

Os habitantes das povoações servidas pela linha viriam assim com a maxima facilidade tratar dos seus negocios judiciaes, administrativos e comerciaes.

Se o interesse local e regional exigia pois o prolongamento, não se opunha a ele interesse ou direito a respeitar.

Os do Estado? Era manifesta conveniencia sua tornar o ramal o mais productivo possivel para diminuir rapidamente, até o eliminar, o encargo da garantia de juro, pois esse kilometro acrescentado havia de ser, pelas suas condições peculiares, singularmente productivo, não tanto em si, como pelo aumento do trafego, que determinaria.

Tendo a lei de 27 de outubro de 1909 elevado a 176 kilometros o limite da extensão garantida, cuja fixação dependia das variantes que se aprovassem, dentro dêle cabia aquele kilometro, que ainda quando custasse no maximo 600$000 anuaes ao Estado, faria descer a garantia no conjuncto da linha e ramal.

Ao tempo já estava pendente do Parlamento essa modificação do limite de 170 kilometros, determinada pela variante de Agueda. Compreendia-se que para éla fosse exigida nova sanção legislativa, pois se ia agravar o encargo financeiro previsto na lei de 1906. O mesmo se não dava com o ultimo troço do ramal, cuja previsão era anterior a ambas essas leis.

Colidia acaso o prolongamento com os direitos da Companhia, por ser um ramal da linha do Norte, que só éla tivésse direito de construir?

De modo algum. A noção juridica de ramal achava-se oficialmente aclarada desde muitos anos. *E' considerado ramal um troço de linha ferrea inserindo-se em outra que lhe serve de tronco e da qual depende, feita em condições técnicas eguaes ou diferentes das da linha principal e destinada a alimentar a circulação désta, ligando com éla uma determinada região, centro de produção ou de consumo, ou um estabelecimento industrial.* (Consulta da Junta Consultiva de obras publicas e minas de 21 de agosto de 1879; decreto de 31 de dezembro de 1864, art. 2.º, § 1.º, n.º 1; contracto de 14 de setembro de 1859; sentença arbitral de 7 de agosto de 1880).

Evidentemente, o ultimo troço da linha do Vouga, destinado a pô-la em mais intimas e faceis relações regionaes com a capital do distrito e com os canaes da ria, não é um ramal da linha do Norte, nem tem por fim alimentar a sua circulação.

Poderia aproveitar-se-lhe o leito afim de o tornar, por um terceiro carril, via de serviço da estação de Aveiro para o material de via larga, função acessoria, á qual condescendia a Companhia concessionaria do Vale do Vouga, e que hoje deixou de ter razão de ser pela construção da via de serviço até ao canal de S. Roque.

As relações entre as linhas do Norte e do Vouga, em Aveiro, de importancia rapidamente crescente, são inteiramente independentes do ultimo troço do ramal e efectuam-se na estação comum, sendo até facilitadas pela independencia do trafego local interno e do combinado. São correntes distintas: a primeira suburbana, pela maior parte e embaraçada pelo atravessamento da estação; a segunda, que provem de outras estações ou a élas se destina.

Não ha pois ofensa de direitos, nem danos emergentes. O ramal, depois de oscular a linha do Norte na estação comum para receber e deixar o trafego combinado, desce, a fim de passar em inteira independencia por baixo da via larga, e vem procurar a sua estação terminal por detraz do *Hotel Central*, ao lado do Canal do Côjo, em local onde chegam as barcas, passando por baixo das duas pontes que se encontram a montante do canal das Piramides.

Compreende-se pois a extranheza com que a Companhia concessionaria do Vale do Vouga viu surgir tão inesperada contestação do seu direito, cujo reconhecimento explicito no contrato de 1907 teria feito consignar, se podésse prever que mais tarde lhe seria contestado.

Deixou-o afirmado pela sua formal reserva e proseguiu na obra encetada, que levou a cabo, graças á tenacidade do distinto construtor Mr. François Mercier, que depois de vencer dificuldades financeiras bem naturaes em vista das crises politicas atravessadas pelo país, angariou os capitaes precisos para a conclusão da linha, obteve do Govêrno, pelo decreto de 9 de maio de 1911, a prorogação do prazo necessario e construiu o dificil troço de 79 kilometros de Sarnada a Vizeu com tal rapidez, que em 5 de fevereiro de 1914 estava toda a linha aberta á exploração com 175km,138: menos 0km,862 que o limite maximo de extensão da lei de 1909. Já em setembro de 1911 fôra aberto o troço Albergaria-Aveiro.

Passara pois a oportunidade da construção economica do ultimo troço do ramal, e durante o periodo em que a garantia funcione, mais interessado é o Govêrno, que a Companhia, no desenvolvimento do trafego.

Compreende-se assim que esta, justamente maguada pela negação do direito, que o Estado lhe intimara contra o seu proprio interesse, não fosse, por assim dizer, mais papista que o Papa e não insistisse mais no protesto formulado, suficiente para deixar afirmada a integridade do seu direito. Peiorou a situação financeira e cambial do país, até que as complicações mundiaes derivadas da guerra colossal, que tanto faz sofrer a todas as nações, se traduziram pela crise actual.

Mas não é exactamente neste momento critico, que se devem tentar todos os meios de insuflar vida na periclitante economia nacional, mórmente quando exijam pequeno sacrificio, quasi nulo em comparação dos beneficios obtidos?

Se ámanhã as corporações representantes dos interesses locaes e regionaes solicitarem do Govêrno o prolongamento do ramal, mediante um entendimento com a Companhia, póde acaso o Govêrno entrincheirar-se atraz dos seus incompreensiveis escrupulos de 1909, invocando a necessidade da sanção legislativa?

Não. Creio ter demonstrado, pela analise dos alvarás, contractos e projectos que se sucederam, que é outra e mais larga a legitima jurisprudencia, que inclue o prolongamento do ramal na convenção.

A lei de 1906 com a sua definição larga; o contrato de 1907 com o projecto aprovado em 1903 e sujeito ás variantes de iniciativa da Companhia para base da construção; a lei de 1909 com o limite de 176 kilometros, ainda não atingido, para a extensão garantida, constituem a trilogia fundamental da concessão, a sólida base do direito ao prolongamento do ramal.

Basta levar a Companhia a acquiescer a ele, apezar das dificuldades de ocasião, apelando para o seu interesse futuro e obtendo déla que se contente com a extensão garantida de 0km,862 para um troço de 1km,180, de excepcional valor sob o ponto de vista do trafego.

Não é facil prever a sua resposta em momento tão singularmente angustioso para a França, da qual provieram os avultados capitaes imobilisados na linha e cuja garantia em papel, de 1.000$00 por kilometro, assegurada quando o cambio rastejava pelo par, se acha hoje depreciada e reduzida a 643$00 em oiro ao cambio actual.

Sendo 600$00 por kilometro o limite do desembolso do Estado, o prolongamento do ramal dentro da cifra da extensão maxima representa, em papel

$$0{,}862 \times 600\$00 = 517\$20$$

a que apenas equivalem ao presente 332$00 em oiro, quantia insuficiente para o encargo do capital preciso.

Bem póde porém o Estado invocar a influencia benefica desse pequeno troço no resto da linha. Póde mesmo permitir o adiamento de certas instalações definitivas da estação terminal, que não são indispensaveis no inicio da exploração (hajam vista as estações provisorias do Terreiro do Paço e do Cáes do Sodré, em Lisboa e a de S. Bento, no Porto) para reduzir ao minimo o dispendio imediato.

Acederia a Companhia a éssa combinação? Ignoro-o; mas entendo que ao Estado pertence a iniciativa de promover um melhoramento a que poz embargo indevido, diligenciando realiza-lo e valorisando assim linhas em cujo aumento de rendimento é ele o primeiro interessado.

E porque assim o penso, julgo prestar um serviço á economia regional, chamando sobre o assunto, por uma exposição consciencioso e que procurei tornar clara, a atenção dos competentes.

J. Fernando de Souza

* * *

Para tratar do assunto a que este artigo visa, o sr. dr. Marques da Costa, presidente da Comissão Executiva da Junta Geral e o sr. dr. Brito Guimarães, presidente do Senado Municipal, convocaram ontem uma reunião para a qual foram dirigidos convites a todas as associações locaes, imprensa e grande numero de individuos de representação na cidade, ficando néla resolvido que uma comissão acompanhe o sr. governador civil a Lisboa afim de obter do govêrno a sua acquiescencia ao melhoramento indicado, e que tanto beneficio hade trazer a esta terra caso seja deferida a pretenção dos seus habitantes.

O *Democrata* foi o unico jornal que se fez representar, notando nós ainda a ausencia de muitos dos nossos conterraneos que deviam comparecer e faltaram.

A' reunião presidiu o sr. governador civil, assistindo tambem e dando elucidativas explicações o engenheiro da Companhia do Vale de Vouga, sr. Fernando de Souza, a quem a assembleia, no final, saudou carinhosamente.

"A AGUIA,,

Recebemos o n.º 39, correspondente ao mez de Março, désta interessante revista mensal de literatura, arte, ciencia, filosofia e critica social de que são directores os srs. Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro.

A Aguia, que é propriedade e orgão da Renascença Portuguêsa, publica-se no Porto e o sumário do numero em referencia é o seguinte:

Literatura — Antonio Nobre — II e III — *Visconde de Vila-Moura*. Retratos Femininos— Sonetos de *Gomes Leal*. O *Prestés João - José Pereira de Sampaio* (*Bruno*).—A hora em penumbra e oiro — Sonetos de *Ronald de Carvalho*. A Zagala — *Costa Macêdo*—Canção do Sol— *Santiago Prezado*—**Arte**:—Arte Popular Portuguêsa— *Virgilio Correia*, com desenhos de *Saavedra Machado* — *O Quelho* (Ilustr.) — Aguarela de *Alberto Souza*. Antonio Nobre (Ilustr.)—*Antonio Carneiro*. Hidromancia (Ilustr.)—*Menge Alvim*. **Notas e comentários**—Divagações a proposito dum livro (*A Grei*, de Ezequiel de Campos)—*Antonio Sergio*.

"O Bispo,,

—=(*)=—

José Augusto de Castro, cuja acção jornalistica se afirma brilhantemente nas colunas dum jornal que fundou e mantem na Guarda, *O Combate*, acaba de nos brindar com mais um volume da sua lavra e a que deu o titulo da epigrafe.

O Bispo, explica José Augusto de Castro, é a reedição duma série de artigos publicados em 1909 e aos quaes deu ensejo uma carta firmada pelo bispo D. Manuel Vieira de Matos. E depois acrescenta: Estávamos em regimen monarquico-jesuitico. O bispo era um dos mais poderosos sustentaculos desse regimen, jesuita possuidor de todos os predicados pelos quaes a famosa *Companhia de Jezus* distingue aqueles que melhor pódem e devem servi-la. Como tal foi escolhido para a Guarda, por morte do bispo D. Tomaz, creatura modesta e tolerante que deixára a esta cidade a fama de liberal que sempre teve, fama que não soava bem no alto, em especial aos ouvidos da então rainha D. Amelia —jesuita de saias que o Orleanismo exportára da França para Portugal.

A escolha, em que se disse D. Amelia impozéra sua vontade, obdeceu, pois, ao intuito de transformar a Guarda de liberal em reaccionaria, intuito que o bispo começou a servir com zelo e empenho, tratando de estender o chamariz de uma *associação operaria*, de fundar um colegio de *Irmãs Doroteas*, de desdobrar o Seminario estabelecendo uma sucursal numa Quinta do Mondego, proteger altamente os frades espanhoes da Aldeia da Ponte.

Era uma rêde negra a estender-se desde S. Fiel a Guimarães, por a fronteira espanhola fóra, a Guarda feita o ponto culminante, torre de vigia de onde ele, omnipotente chefe, podésse dominar á vontade da *Companhia* e da Casa de Bragança á *Companhia* enfundada, o povo português dado como escombro para a mais nefasta e complela escravidão e exploração.

Foi então que José Augusto de Castro, vendo o perigo que corria a Liberdade de consciencia, se apressou a fundar o *Combate*, que redigiu quasi exclusivamente por largo tempo e em cujas colunas teve ensejo de fazer essa formidavel campanha contra o clericalismo, deixando o bispo a escorrer sangue.

Vão passados 11 anos. Mas porque a essa entidade seja preciso marcar logar proprio, dizer da sua acção na diocese e na cidade da Guarda, José Augusto de Castro não hesitou ainda em tornar conhecidos por meio do livro todos os seus escritos de combate ao famigerado inimigo das instituições, representante da seita negra e um dos mais intolerantes *ministros do Senhor* sobre a terra.

Nunca as mãos lhe dôam nem a coragem lhe falte para castigo dos embusteiros.

O Bispo, tem tido larga procura nesta cidade onde se encontra á venda ao preço de 40 centávos na livraria do sr. Bernardo Torres, agradecendo nós o exemplar com que nos brindou o seu autor.

A câmara de Aveiro e a ditadura

—=—

Numa das suas ultimas sessões, a Comissão Executiva da câmara municipal, apreciando a situação politica creada pelo govêrno do sr. Pimenta de Castro, aprovou a seguinte moção cujo copia enviou á câmara de Lisboa:

Considerando que o atual govêrno se colocou fóra da Constituição politica da Republica Portuguêsa;

Considerando que só é devida obediencia ás leis votadas pelo Poder legislativo e ás disposições da Constituição, não podendo, por isso, a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Aveiro ficar silenciosa perante uma tal situação, que nos vexa e deprime;

Resolve:

1.º—Só acatar leis votadas pelo Congresso da Republica;

2.º—Saudar todos os cidadãos que tomaram parte na historica sessão de 4 do correate, que assim demonstraram ser verdadeiros e autenticos republicanos, conscios do cumprimento dos seus deveres.

CARTA DE ANADIA

—=(*)=—

Em 23

Tenho notado que estas cartas são lidas com sofreguidão, principalmente pelos assinantes de *O Democrata* que habitam os concelhos de Oliveira do Bairro, Mealhada e Anadia.

Quanto a mim, estou que esta circunstancia se dá devido a elas, por vezes, se ocuparem de assuntos respeitantes a estes tres concelhos. Já me referi ás novas autoridades de Oliveira do Bairro, que são compostas, na sua quasi totalidade, de monarquicos confessos. Na Mealhada, segundo informações que temos, acontece outro tanto e em Anadia, por enquanto, só sabemos que o novo administrador, apesar de ser *persona grata* dos camachistas e se dizer almeidista, é para todos nós um ponto de interrogação, sendo geral a crença de que poderá ser tudo, menos republicano!

Vejam os bons democratas, veja o exercito português, aonde palpitam tantos corações de patriotas dedicados á Republica, se esta póde estar confiada, por mais tempo, aos seus declarados e ferozes inimigos! E, o que por aqui se dá, acontece em toda a parte, por esse país fóra, visto, por triste sina nossa, esse govêrno ditatorial, arremedo do ditador Castro, da Venezuela, que tambem uzurpou todos os poderes do Estado, e que, por isso, andou errante por esse mundo fóra, mas que deu, alfim, entrada na prisão, sendo metido a bordo de um navio que o conduziu á sua Patria, para que respondesse por todos os seus crimes, estar substituindo ás leis, para proclamar o poder do arbitrio, anarquisando toda a vida da sociedade portuguêsa. São dois Castros: o de Portugal e o de Venezuela, que tambem são dois simbolos da tiranía!

Por quanto tempo ainda, o povo português, suportará o gladio de um despotismo que em país nenhum do mundo se toleraría, nesta hora já adeantada da civilisação? Não sabemos; mas o que a toda gente se afigura é que este estado de coisas, sendo anormal, não poderá durar muito, visto que, em bréve, alguem se encarregará de o remover, pondo tudo no seu devido logar.

Tambem por toda a parte está causando indignada surprêsa a atitude dos republicanos, inimigos do partido democratico, que estão sendo cumplices dos ditadores. E no regimen democratico, como o preceitua a nossa Constituição, que os amigos da ditadura discutiram e votaram, as ditaduras, quer politicas quer administrativas, são sempre intoleraveis e deprimentes e nenhum português, que se preze de ser patriota, deve deixar de lhe resistir. Por isso a atitude, perante a suspensão da Constituição, dos partidos evolucionista e unionista, está sendo muito desfavoravelmente comentada e aqueles restos de sinceridade que ainda eram reconhecidos no sr. dr. Antonio José de Almeida, vão-se desvanecendo á maneira que o antigo tribuno das multidões se vai demorando em retirar o apoio á ditadura do ditador Castro, de Portugal.

E' ponto assente que a ditadura, que nada respeita, se prepara para ganhar as eleições, mesmo sem ter votos! Como? Mandando ou consentindo que do recenseamento sejam riscados os eleitores que se não prestem a apoia-la. E' o que já está acontecendo em alguns concelhos. Em Lisboa já se deu pela infamia de estarem eliminados muitos eleitores, que teem todos os requisitos legaes para o serem.

Infamia das infamias!

Nem João Franco se atreveu a tanto.

Como os prasos para reclamações são de 25 do corrente a 10 de abril, acautelem-se os interessados: requeiram certidões de eleitores nas secretarías municipaes dos seus concelhos.

Gomes Junior

"Historia da guerra europeia,,

Recebemos os tomos n.os 7, 8, 9 e 10 désta publicação saída da *Tipografia Gonçalves*, rua do Mundo, 14, Lisboa, e que é realmente digna de ser recomendada, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição. Os tomos que temos presente, além de uma linda capa a côres, de optimo efeito, inserem os Diarios da Guerra, de 1 de Setembro a 16 de Outubro e as seguintes gravuras:

Catedral de Reims. Ruinas da Escola de Medicina; Ponte e edificios de Dinant; Ruinas da casa consistorial de Louvain, Ruinas da casa do povo, em Louvain; general de Castelnau, general Cluck, general Bulow, general Moltke, Canhão alemão de 75 milimetros usado contra aeroplanos, canhão alemão montado num automóvel blindado; comboio blindado usado pelos aliados, vagão armado de um canhão especial, cruzadores inglezes *Hermes*, *Cressy* e cruzador alemão *Emden*.

Cada tomo, contendo 32 paginas, custa apenas a modica quantia de 5 centavos, sendo muito para louvar a iniciativa da casa editora que assim põe ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

A' *Tipografia Gonçalves* os nossos agradecimentos pela oferta.

Aos sargentos do exercito

—=(*)=—

O exercito não pertence a este ou áquele partido. E' da Patria e da Republica a quem ele deve defender. O voto não é concessão que encha a barriga, nem tão pouco mel que adoce a boca.

Para que manifestar por uma tão ignobil porcaria, que não tira a barriga de miserias, as viuvas dos falecidos camaradas e os orfãos, de pedir esmola? Deixemo-nos dessas ruidosas e indisciplinares manifestações e unamo-nos áqueles que lutam pela liberdade, áqueles que procuram livrar a Patria e a Republica duma pugna fratricida. Façâmos vêr na presente conjuntura quanto nos feriu o nosso coração de patriotas os vergonhosos actos que, com um desplante inaudito, se teem vindo desenrolando de ha tempos a esta parte.

Nós sem a Republica não podemos respirar o aroma da liberdade. Empunhemos todos o pendão da justiça, o pendão da Liberdade e façâmos mais uma vez ecoar a nossa sonorosa voz:

Viva a Patria!
Viva a Republica!
Viva a Constituição!

Pinhão, O. de Azemeis, 20.

O. F.

Notas mundanas

Consorciou-se no domingo, em Esgueira, com a sr.ª D. Clotilde Cabecinha, enteada do nosso velho amigo e correligionario, Elisio Feio, o sr. Paulo José Pereira Guimarães, antigo presbitero, natural de Polvoreira, concelho de Guimarães e atual chefe interino da secretaría da Junta Distrital de Aveiro.

Ao acto civil, que se realisou em casa da familia da noiva, assistiram, além de algumas pessoas da sua intimidade, os srs. dr. Joaquim de Mélo Freitas, dr. Marques da Costa, Filinto Elisio Feio e a sr.ª D. Maria Georgina Cabecinha, na sua qualidade de padrinhos dos noivos e ainda os srs. José Antonio de Carvalho, João da Silva Castro e Arnaldo Ribeiro, que assinaram tambem o auto como testemunhas.

Finda a cerimonia foi servido um abundante copo de agua *a todos os presentes, sendo aos noivos, em quem concorrem todas as qualidades para a felicidade do novo lar que acabam de constituir, dirigidos vários brindes, exalçando-os e antevendo na sua união um porvir repleto de venturas.*

Por nós, sincéramente lho desejâmos.

= Tambem está para bréve o enlace da menina Maria Manuela Ferreira da Silva, dilecta filha do digno director da Escola Normal, sr. José Casimiro da Silva, com o sr. Elisio Ferreira, activo industrial nos E. U. do Brazil.

= Com sua esposa e interessante filha, está nésta cidade o laureado artista pintor, sr. Artur Prat, que em Paris tanto tem honrado o nome português.

São hospedes de seu irmão, o sr. José da Fonseca Prat.

= Foi vitima da luxação do braço direito, proveniente duma quéda, o sr. Antonio Ponceleão Barbosa, capitalista, residente na Forca.

Está quasi restabelecido, o que estimâmos.

= Acamou com um forte ataque de reumatismo, o sr. João Pinto de Miranda, habil regente da Banda dos Voluntarios.

= Tambem esteve encomodado de saude o que o forçou a não reger as suas cadeiras durante dois dias, o sr. dr. Brito Guimarães, professor do liceu désta cidade.

= Visitou-nos ontem o sr. Manuel Antonio Simões de Brito, de Malhapão, antigo assinante do Democrata.

= Deu á luz uma menina a esposa do sr. Livio da Silva Salgueiro.

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 19

Como esperavamos, foi arbitrariamente dissolvida a Associação Cultual désta freguezia, que estava funcionando legalmente. Foi preciso que ao poder fosse um govêrno anti-constitucional, para se praticarem todas as violencias, sem nenhum respeito pela lei.

Logo que foi publicada a por-

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro,, ou "sobrinho do Milheiro,,

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

taria ditatorial do sr. Guilherme Moreira, o sr. Alexandre Coelho, administrador do concelho, tratou logo de ouvir os inimigos da Republica sobre a religiosidade dos cultualistas, sendo informado por estes, que tinham como dirigente um padre que já esteve preso no Alto do Duque por conspirador, que todos os cultualistas e mais pessoas que ouviam missa do padre Adelino Roque, eram anti-catolicos! Ora se o padre conspirador nos merece todo o despreso por ter um passado pouco lisongeiro, e porque se arvorou em negociante de consciencias, tambem nos merece reparo a pouca lealdade do sr. Alexandre, que, com a sua febre de politico evolucionista, não chamou ao seu gabinête cultualistas e não cultualistas, para vêr de que lado estava a razão, para depois informar com imparcialidade. Mas o sr. Alexandre Coelho entendeu que só devia ouvir os inimigos da Republica, para vêr se lhes apanhava o voto em qualquer ocasião oportuna, o que não vêmos geitos, porque só o conseguirá se o *Béco* desistir dêles. Esta atitude do sr. administrador levará esta freguezia á bôa harmonia? Não nos convencemos, tanto mais que temos aí um padre imposto violentamente, e que têve ainda o arrojo de mecher com o intimo de mais de noventa pessoas, informando que são anti-catolicas para conseguir anichar-se na egreja.

Fóra, que é mentiroso!

As pessoas que ouviam missa ao padre Adelino, são mais religiosas do que aquélas que dinamitam pontes para vitimar milhares de pessoas.

Logo apoz a entrada do mentiroso informador, houve grandes arruaças pelos reaccionarios, naturalmente fomentadas pelo negociante de consciencias.

Diz-se que a egreja foi salpicada com agua benta, por fóra e por dentro, para afugentar os ratos e morcegos que por ventura dentro déla estivéssem.

Quando resolverão estes farçantes tambem a deitar agua benta na ponte do Pano que se acha enterdita desde 29 de Setembro de 1911?

Fóra, mentirosos!

=Consta que os reaccionarios pensam em promover uma série de subscrições pela freguezia, para sustentar o culto e o seu padre.

Olhem que os republicanos são *pedreiros livres*, e portanto cuidado com o dinheiro dêles! Além disso puxaram a albarda para o lombo e agora aguentem-se...

=Vae brevemente casar-se com a menina Maria Carolina, o nosso bom amigo, sr. Eduardo C. da Costa.

Mil felicidades aos noivos, é o que desde já lhes desejamos.

=Tem passado um pouco encomodado de saude, o nosso presado amigo e digno presidente do *Centro Republicano*, sr. Jacinto B. Henriques, a quem desejamos rapidas melhoras!

C.

Anuncios

Emprego de capital

Para partilhas, vende-se uma boa propriedade denominada Quinta do Ribeiro, situada em Verdemilho, composta de casas altas e baixas, abegoarias, pomares, terra lavradia, vessadas, praias de arroz e caniço.

Para tratar com D. Maria Eliza Souto, em Angeja, ou com seu sobrinho, Antonio Souto Ratola, em Aveiro.

VENDE-SE uma morada de casas, com quintal, na rua de S. Sebastião, em Eixo. Quem pretender dirija-se ao sr. José Maria Soares Pereira, que dará as devidas informações.

Concurso

Por deliberação da Câmara Municipal do concelho de Agueda se faz publico que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, contados da segunda publicação deste no *Diario do Governo*, para provimento dos seguintes lugares: de chefe de Secretaría Municipal, com o vencimento anual de 300$00; de 1.º amanuense, especialmente encarregado dos serviços de contabilidade e viação, com o vencimento anual de 180$00; de 2.º amanuense, especialmente encarregado dos serviços de recenseamento e recrutamento militares e dos serviços respeitantes á Instrucção Primaria, com o vencimento anual de 144$00; de oficial de deligencias, com o vencimento anual de 96$00 e de um empregado, especialmente encarregado dos serviços de cobrança e fiscalisação dos impostos indirectos municipaes e devendo auxiliar os serviços da Secretaría, com o vencimento anual de 144$00.

Os concorrentes aos sobreditos logares deverão dirigir e apresentar na Secretaria da Camara, dentro do referido praso, os seus respectivos requerimentos nos termos do art.º 2.º e seus n.ºs do decreto de 24 de Dezembro de 1892 e com observancia do disposto nos §§ 1.º, 2.º, 3.º 4.º e 5.º daquele artigo 2.º.

Agueda e Secretaría da Camara Municipal, 18 de Março de 1915. Eu, Casimiro de Oliveira Bastos, chefe interino da Secretaría, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Executiva

Joaquim Pereira Soares

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

Por este Juizo e cartorio do 4.º oficio, nos autos do inventario orfanologico por obito de Antonio Francisco Ricoca, casado, maritimo, que foi de Ilhavo, e em que é cabeça de casal Maria Antonia de Jezus, viuva do falecido, da mesma freguezia, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação e ultima deste, no *Diario do Governo*, chamando e citando os interessados Francisco Gonçalves Viana e Santos Henriques Troia, genros do inventariado, ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do mencionado inventario e nele deduzirem os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Pelo presente são tambem citadas as pessoas incertas que se julguem interessadas no mesmo processo para nele deduzirem os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 26 de Fevereiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio

João Luiz Flamengo.

Albino Peralta Estrela

Negociante de cobertores, queijo, castanhas, nóses e painço. Fornecedor de bacêlos americanos das melhores qualidades. Enxertos e barbádos, garantidos.

Preços sem competencia

COSTA DO VALADO

Arminda Pinho das Neves

lecciona *arte aplicada, pirogravura, estanho repoussé, fotominiatura, frappé, renda inglêsa, filet, bordados a branco e matiz* e todos os trabalhos que constituem uma completa educação moderna.

Rua de S. Roque, n.º 15.

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0|0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido. Esta casa acha-se aberta todo o dia.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dóces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro,** de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Grande deposito de adubos para todas as culturas

ADUBOS SIMPLES

Sulfato de amonia com 20 °|° de azote
Nitrato de sodio com 15 °|° de azote
Cloreto de potassio com 50 °|° de potassa
Superfosfato de cal com 12 °|°

ADUBOS COMPOSTOS

G. C., V. R., D. C.

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta oficina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Adéga Social

Rua da Revolução

Os proprietarios dêste estabelecimento *participam* aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que teem á venda os seus vinhos, ao preço de 80 reis o litro (branco) e 60 reis (tinto).

Abafado a 200 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 200 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,

FERREIRA & IRMÃO

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO